REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

PINTOR E PINTURA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO

Antonio José dos Santos Junior [1]

Resumo: Este texto aborda um relato de experiência diante das confrontações vivenciadas no período de isolamento social, ocorridas pela COVID-19[2]. Como metodologia de trabalho, a prática ocorre com experimentações em pinturas a óleo através de reflexões geradas que surgem a partir de imagens recebidas, oriundas via web, através de pessoas que estão em contato direto com a natureza. Esses indivíduos enviam imagens desses espaços para o autor e passam a disparar o processo criativo de novas imagens. Busca-se transpor a experiência paralela à pandemia para um novo olhar, através de estudos de cores.

Palavras-chave: arte; relato de experiência; isolamento social; pintura; pintor.

PAINTER AND PAINTING: EXPERIENCE REPORT IN TIMES OF ISOLATION

AbstractThis text addresses an account of experience in the face of the confrontations experienced during the period of social isolation, which occurred by COVID-19. As a work methodology, the practice occurs with experiments in oil paintings through reflections generated from images received via the web through people who are in direct contact with nature. These individuals send images from these spaces to the author and begin to trigger the creative process of new images. They seek to transpose the experience parallel to the pandemic to a new look, through color studies.

Keywords: art; experience report; social isolation; painting; painter.

Uma ação interior

Durante esse período de reclusão, em que muitos artistas se encontram cerrados em seus ambientes de produção e, ao mesmo tempo, com as incertezas da vida, uma nova barreira foi levantada – um autoconfronto emocional com

[1] Mestre em Artes Visuais (PPGART/UFSM), com ênfase em Poéticas Visuais, bolsa CAPES. Atualmente discente na Especialização em Artes (UFPel). Artista Visual - Desenho e Plástica (UFSM) com período sanduíche na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), Portugal. Integrante dos grupos de pesquisas: Arte Impressa e Ecologia CNPq/UFSM; Processos Pictóricos CNPq/UFSM. Tem interesse em investigar processos de criação e pintura na contemporaneidade. E-mail:antoniojunior_jr@hotmail.com
LATTES: http://lattes.cnpq.br/1715724412555768 - ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5641-7663
[2] A COVID-19, uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. <http://coronavirus.saude.gov.br/>

demanda de produzir. Desse modo, o artista, mesmo que inserido em seu espaço afetivo de produção, ficou estagnado e demora mais para proceder com a produção. Assim sendo, estar compenetrado com os diversos sentimentos emergentes faz com que reflexões sobre a vida sejam constantes.

Nesse sentido, para John Dewey (2010), "somente captamos a plena importância de uma obra de arte quando reproduzimos em nossos próprios processos vitais os processos do artista ao produzir a obra" (DEWEY, 2010, p. 83). A cobrança interna de produzir e, ao mesmo tempo, ser rodeado de informações que são despejadas diariamente através da televisão, jornais e redes sociais faz com que o artista sequer tenha tempo hábil para processar algumas atrocidades.

Existe o fator da inquietação, adversidade que impulsiona e que podemos considerar na criação e para isso é necessário a observação, construção e reconstrução. São estudos que apontam caminhos, porque não há uma verdade absoluta, mas um processo permeado por adjacências, termo pensado a partir do sentido literal da palavra, sendo um desses significados, os lugares próximos (MICHAELIS, 2020). A partir das pessoas envolvidas nesse processo criativo, tenho contato e estabeleço, de certo modo, uma proximidade com a paisagem, no caso, com o local em que essas pessoas estão inseridas.

Nessa perspectiva, estando imerso no próprio ateliê e estabelecendo diálogos com essas pessoas próximas, que estavam em seu momento de isolamento em áreas verdes, afastados dos grandes centros das cidades, comecei a receber imagens do "isolamento" dessas pessoas. Capturas de imagens, cenários lindos. Ao receber essas imagens via redes sociais, pensei em usá-las como ferramentas de trabalho, explorar o uso de cores e contrastes através daqueles olhares que permaneciam isolados, mas em uma atmosfera de liberdade.

Com uma paleta reduzida às cores branco, amarelo de cadmio, amarelo ocre, alizarin crimson, ultramar francês e verde ftalo (Figura 1), realizei experimentações, buscando, através da pintura dessas paisagens, enxergar outras cores, como pintor, uma busca por diferentes territórios, com o pouco que está ao meu alcance.



Figura 1. Paleta de cores usada para as pinturas. Fonte: Autor.

Enquanto permanece em seu ambiente de intimidade, o homem quer explorar o que tem na terra, furar a pedra, talhar a madeira. Quer "sentir" a matéria e transformá-la. Assim, o homem não é mais um simples sábio diante do universo, é uma força intangível contra o universo, contra a substância das coisas (BACHELARD, 2008, p. 24). Desse modo, quando envolvido pelo processo criativo, pelo contexto atual, o sentido de transformação vai além da própria matéria, atribui ao labor a carga de emoções de tudo o que está à volta.

Processo criativo das pinturas

Essa construção das cores e suas sobreposições, por meio de camadas finas de tinta, fez com que eu estivesse, constantemente, na busca por soluções pictóricas em que pudessem ser resolvidas, determinadas situações de contrastes com cores completamente diferentes do habitual. Isso fez com que eu pudesse experimentar e, também, ter um olhar atento para as imagens recebidas (Figura 2 e 3). Nesse sentido, tomo como licença poética o pensamento do crítico Mário Pedrosa, acredito muito na prática ou qualquer experimentação, seja ela gráfica, tridimensional ou pictórica como liberdade, esse desprender-se não é somente limitado às nossas ações, mas ao próprio estado emocional, "já faz bastante tempo

que, tentando analisar o fenômeno, defini a arte de nossos dias como o exercício experimental da liberdade" (PEDROSA, 2015b, p. 401).



Figura 2 e 3. À esquerda: Fotografia da paisagem recebida. À direita: "Lavras do Sul, RS". 17 cm x 28,5 cm. Óleo sobre cartão. 2020. Fonte: Mauro Raimundi Ferreira, 2020.

Desse modo, acredito na relação entre artista e obra como uma experiência e busca incessante pelo "novo", ou seja, superar limitações já alcançadas durante o processo artístico, uma procura interior geradora de referências pessoais, que reflete no desenvolvimento do trabalho, tornando a produção coesa. O pintor alemão Gerhard Richter (2009), ao falar sobre arte, faz uma reflexão ao afirmar que,

> visto que não existem coisas como retidão e verdade absolutas, sempre buscamos a verdade humana artificial e dirigida. Julgamos e fazemos uma verdade que exclui outras verdades. A arte desempenha um papel formativo na fabricação da verdade (RICHTER, 2009, p. 15, tradução nossa).

Nesse sentido, enquanto realizo as pinturas e experimentações de cores, surgem possibilidades autênticas através desse meio expressivo, possibilidando apresentação de uma visão distinta dos lugares representados. As formas das imagens usadas passam por um processo de reelaboração, em que sintetizo, para não ficarem com excesso de fragmentos. Nesse sentido, Elisenda Ardèvol e Nora Mutañola (2014) explicam que,

> As imagens não apenas nos rodeiam, mas nos configuram; não só as interpretamos, mas também as construímos, criamos. Daí elas fazerem parte dos processos culturais, constituírem nosso universo simbólico e, consequentemente, participarem da nossa realidade "interna", formando

> nossa subjetividade. (ARDÈVOL & MUNTAÑOLA, 2014, p. 13, tradução nossa)

Essa subjetividade passa a refletir nas experimentações das cores, enfatizadas com contrastes mais incisivos e, em algumas áreas, exploradas outras misturas de diferentes matizes, fazendo com que determinadas camadas da pintura exerçam um contraponto de quente ou frio.



Figura 4 e 5. À esquerda: Fotografia da paisagem recebida. À direita: "Cerro Largo, RS". 19 cm x 30 cm. Óleo sobre cartão. 2020. Fonte: Bruna Kuhn, 2020.

Ao longo desse período de isolamento, várias imagens fotográficas foram cedidas por amigos e pessoas conhecidas. Assim, além de explorar a cor na pintura, faço algumas modificações na imagem, favorecendo uma composição que julgo ser interessante (Figura 4 e 5). A fotografia é uma linguagem instigante ao olhar, permite-nos fazer escolhas do que enquadrar e revelar ao olhar do outro, na paisagem, isso se apresenta através dos vestígios da terra, vegetação ou espaços que revelam um pouco sobre a vida, e nos permitem transbordar por meio das imagens. Diferentes leituras desses ambientes fotografados e representados em pintura desencadeiam nos indivíduos. De acordo com Boris Kossoy (2014) "Diálogos e silêncios permeiam nossa relação com as imagens" (KOSSOY, 2014, p. 156). Desse modo, o processo é pautado pelo diálogo com as pessoas no ambiente externo e com o espaço de trabalho em que são realizadas as pinturas.

Esse processo, primeiramente, passa pelo olhar sensível de quem fotografou e, após, pela minha percepção sobre essas imagens com a produção de pinturas e, finalmente, depois desse processo, o trabalho alcança outros olhares. (Figura 6 e 7). Nesse sentido, segundo Kandinsky (1996), "os olhos do artista sempre devem estar abertos para sua própria vida interior, seus ouvidos sempre atentos à voz da necessidade interior" (KANDINSKY, 1996, p. 86). A produção do artista é reflexo de suas inquietações, anseios, ou seja, do que pulsa em seu interior.



Figura 6 e 7. À esquerda: Fotografia da paisagem recebida .À direita: "Serafina Corrêa, RS". 27 cm x 30 cm. Óleo sobre cartão. 2020. Fonte: Heitor Bazzo, 2020.

A paisagem traz a questão territorial e, ao mesmo tempo em que essas barreiras são difundidas, por meio dessas pessoas que colaboram com essas imagens, esses espaços tomam configuração de um espaço compartilhado, em que outras pessoas podem ter acesso a algo que foi materializado, através de uma imagem recebida pelo celular.

No limite e a Arte

Existem dias em que uma cor faz sentido em determinada pintura e, em outros, são palavras que alcançam outras proporções. Ao refletir sobre a palavra

limite no campo das artes, torna-se interessante pensar que os artistas possuem uma capacidade incrível de lidar com as emoções, porque sempre trabalham no limite. Para refletir sobre isso, faço alguns apontamentos de artistas históricos, preferencialmente aos que vivenciaram fatalidades que entraram para a história mundial. Por exemplo, em 1937, a cidade espanhola de Guernica foi bombardeada e, mesmo morando em Paris, o pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973) expressou na pintura todo seu pesar aos seus conterrâneos, realizando a pintura intitulada Guernica, de grande referência na história da arte e, talvez, a obra mais emblemática de sua carreira.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, em um momento de extrema pressão emocional diante das atrocidades, estava o artista brasileiro Carlos Scliar (1920-2001), recrutado pelo exército brasileiro nos confrontos na Itália e, durante aquele período, produziu vários desenhos, denominando esse conjunto de "caderno de guerra", entre 1944 e 1945 (TEIXEIRA, 2013, p. 8). Foram situações pesadas, que fizeram parte da história mundial. Esses dois exemplos evidenciam como o artista continua a produzir, mesmo diante de momentos em que o estado emocional e psicológico são totalmente diferentes do habitual.

Especificamente neste século XXI, momento de isolamento social, alguns artistas como David Hockney (1937-), Banksy (1974-), Deb Monti (1997-), desde o início da pandemia, disponibilizaram, via redes sociais, os seus respectivos processos de criação, com imagens que revelam o cotidiano e a percepção desses artistas no local em que habitam (VEJA, 2020). Deste modo, são produções que fazem refletir, não somente nos aspectos técnicos e operacionais, mas na vivência e na sensibilidade do processo criativo em meio ao isolamento social, que configura possibilidades para outras leituras. Cabe destacar que, em tais trabalhos, surgem questionamentos referentes ao sistema, às políticas sociais, ao capitalismo e, além disso, os trabalhos proporcionam um sentimento de esperança para o público fruidor, produzindo arte para enfrentar esse período de isolamento com leveza.

Quando o pintor britânico David Hockney, em abril de 2020, envia uma carta para sua diretora, transmitida em vários veículos de comunicação pelo mundo, incidi o olhar para uma possível aproximação que Hockney deixou transparecer em sua escrita, na qual anexou imagens de alguns trabalhos e divulgou em suas redes sociais (Figura 8). Cabe salientar que o artista deixou visível três elementos que considero interessantes para pensar o processo por mim desenvolvido: a pintura, a paisagem e a tecnologia.



Figura 8. David Hockney. "No. 153" - 5 de abril de 2020 - desenho do iPad. Fonte: https://www.franceinter.fr/emissions/lettres-d-interieur/lettres-d-interieur-16-avril-2020

Nesse sentido, para os trabalhos que apresento, destaco como primeiro elemento, a pintura pensada a partir da ação criativa e do envolvimento no processo; como segundo elemento, a paisagem pensada, a partir do entorno e da situação da pandemia; e, terceiro e último, a tecnologia pensada como ferramenta, que veio com mais força durante esse período de isolamento social.

Segundo Hockney (2020),

> Durante este tempo, o vírus, louco e incontrolável, propaga-se. Muitas [pessoas] me dizem que estes desenhos oferecem descanso neste momento de desafio… Que eles são testemunhos do ciclo da vida que começa sempre com o nascimento da primavera… Idiotas como somos, perdemos o nosso vínculo com a natureza, mesmo fazendo completamente parte dela. Tudo isso terminará um dia. Que lições vamos aprender? Eu tenho [quase] 83 anos, vou morrer. Nós morremos porque nascemos. As únicas coisas que importam na vida são a comida e o amor, nessa ordem, e também o nosso cão Ruby. Eu realmente acredito nisso e, para mim, a base da arte é o amor. Eu amo a vida. (HOCKNEY, 2020, n.p. tradução nossa)

O escrito de Hockney e a relação entre pintor e pintura, durante essa pandemia, ocorrem em consonância com John Dewey (2010), o qual aborda que

> a existência da arte [...] é a prova de que o homem usa os materiais e as energias da natureza com a intenção de ampliar sua própria vida, e de que o faz de acordo com a estrutura de seu organismo – cérebro, órgãos sensoriais e sistema muscular (DEWEY, 2010, p. 93).

Desse modo, são esses elementos que constituem o processo criativo e, ao mesmo tempo, ampliam meu repertório imagético e contribuem, positivamente, para o estado emocional provocado pela pandemia. São a partir dessas experiências com o entorno que se configuram as relações de arte e vida discutidos por Dewey.

Considerações

Pensar em estratégias da produção pictórica sempre foi motivo para impulsionar as pesquisas realizadas nesse meio expressivo. Ao mesmo tempo, como pintor, vivencio a necessidade de estar sempre receptivo ao que vem ao meu encontro, para que eu possa estudar e buscar caminhos através de relações práticas e teóricas.

Desse modo, imerso na produção durante esse período de isolamento, surge a possibilidade de refletir sobre a criação de novas imagens e de explorar o uso das cores. Por meio dessas experimentações, analiso o que pode vir a ser aproveitado,

para, futuramente, inserir em novas séries de pinturas. A limitação de alguns materiais fez com que eu inclinasse o olhar para uma paleta de cores específica, que instigou a procura por um conjunto de cores de melhor ajuste.

Os exemplos dos artistas e suas produções paralelas à barbárie das guerras e, também, os exemplos dos artistas contemporâneos não são de caráter comparativo com a pandemia: as reflexões mostram que a produção em arte sempre esteve e está emergindo, mesmo que seja nos piores dias. Além do mais, os contemporâneos são nomes em evidência no mercado da arte, atraindo o olhar da mídia e fazendo com que tenhamos uma proximidade do que está sendo produzido e, dessa maneira, passamos a observar as experiências de criação e produção desses artistas. Esse período de isolamento veio e ainda nos assombra, incitou diferentes práticas no fazer artístico, e se apresentou com maior ênfase a tecnologia. Assim estamos em diferentes lugares em um mundo que está hiperconectado.

Referências

ARDÈVOL, Elisenda & MUNTAÑOLA, Nora (Orgs.*). Representación y cultura audiovisual en la sociedad contemporánea. B*arcelona: Editorial UOC, 2014.

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças; tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão – 3ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRASIL. *Ministério da Saúde*. Coronavírus COVID-19. Brasília, 2020.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOCKNEY, David. *"Comme des idiots, nos avons perdu pas lien avec la nature...".* In: Site France Inter. Disponível em: <https://www.franceinter.fr/emissions/lettres-d-interieur/lettres-d-interieur-16-avril-2020> Acesso em 10 dez. 2020.

KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na Arte e na pintura em particular*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOSSOY, B. *Os tempos da fotografia*: o efêmero e o perpétuo. 3ª ed. Cotia, São

Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2020.

PEDROSA, Mário. *"O 'bicho-da-seda' na produção em massa".* In: Mammi, Lorenzo (org.). Mário Pedrosa: Arte, Ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2015b, p. 400-405.

Revista Veja. *Coronavírus:* Hockney e outros artistas compartilham obras do isolamento. Disponível em <https://veja.abril.com.br/mundo/coronavirus-hockney-e-outros-artistas-compartilham-obras-do-isolamento/> Acesso em 03 set 2020.

RICHTER, Gerhard. *Text:* Writings interviews and letters 1961-2007. Londres: Thames & Hudson, 2009, p. 15.

TEIXEIRA, Teresinha C. *O caderno de guerra na obra de Carlos Scliar* – traços marcantes de uma trajetória. 2013, 86 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais – Bacharelado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.